

HEROINAS

Memorando a glória de 2 de Julho de 1823 dois valiosos assomam grandiosos exemplares de patriotismo accendrado, de insuperável dignidade — Joana Angelica e Maria Quitéria. Am- bas iguais no valor de sua virtude, temâs ambas no heroismo in- trepidos.

liberdade do seu povo. Maria Quitéria apostola da ga- lhardia iblime patriota, empu- sou a fúria brandiu o sabre, lo- gou a vida em encontros feroces com o inimigo poderoso ate que pôde dar em continencia a sua recusa o Brasil indepen- dente.

# Diario da Bahia

Director: J. MACHADO CUNHA — Gerente — Reditor — Secretario: RUYTER PACHECO DE OLIVEIRA — Redator — Chefe: LEOPOLDO DO AMARAL

Empreza Diario da Bahia A Rua CARLOS GOMES, 113

TEL. 3070 — BAHIA — QUARTA-FEIRA, 2 DE JULHO DE 1941

End. Teleg. DIRO ANO LXXXVI — Nº 187

## DATA MAGNA DA BAHIA

## Efeméride brasileira

### 2 de Julho de 1823



— JOANA ANGELICA — Na portada do convento da Lapa a soldadesca em desenfreado brame. Era a besta hu- mana reclamando presas. Crescia ameaçador o ala- rido. Abre-se a porta, surge Madre Angelica! Instante de pasmo... A licença reage e afronta. A freira expande os braços: "Só pe- reis pisando o meu cadaver...". Dis- se e tombou ao golpe de baioneta. A turba infrene inva- diu o Convento. Era 19 de Fevereiro de 1823.

## Ode ao 2 de Julho

Era no Dois de Julho. A pugna in- fravara-se nos cerros da Bahia... O anjo da morte, palido, cosia Uma vasta mortalha em Pirajá. Neste lençol tão largo, tão exten- so Como um pedaço roto do infinito. O mundo perguntava, erguendo a voz: "Qual dos gigantes morto rolara?"

grito:

Debruçados do céu... a morte fado... Seguiam da peleja o in- fimelhado! Era tocha — o fuzil av- ançava! Era o circo de Roma — a artilharia! Por palmas, o troar da artilharia! Por feras, os canhões rugiam! Por atletas — dois povos se batiam! Esorme anfiteatro er- gido.

Não! Não er- mos, que abalavam No ensanguentado m. Me do passado, m frei. á escravidão, guias — a do abutre, lso — contra os ferros, azação com os erros, va — e do claro!

no entanto a luta recrescia indomita... As bandeiras — como aguias ercicadas. Se abismavam com as azas desdobradas. Na selva escura da fumaça atroz... Tonto de espanto, cego de metralha. O archanjo do triunfo vacilava... E a glória desganhada acalentava O cadaver sangrento dos heróis!...

Mas, quando a branca estrela matutina Surgiu no espaço... e as brizas forasteiras No verde leque das gentis palmeiras Foram cantar os hinos do arrebol. Lá do campo deserto da batalha Uma voz se elevou clara e divina. "Eras tu — liberdade peregrina! Esposa do porvir — noiva do sol!"

Eras tu, que com os dedos ensopados No sangue dos avós mortos na guerra Livre sagravas a columbia terra, Sagravas livre a nova geração! Tu que erguias, subida na pirâmide Formada pelos mortos do Cabrito. Um pedaço de gladio — no infinito Um trapo de bandeira na amplidão

CASTRO ALVES

A luta entre os Bahianos e o general português Inacio Luiz Almeida de Melo começou a 25 de Junho de 1822, com a insurreição da vila Cachoeira. Em poucos dias, a insurreição ganhou a província inteira, menos a capital, dominada por forte guarnição, composta de veteranos da guerra da Península e dos corpos milicianos, pela maior parte formados de residentes europeus. O rompimento das hostilidades deu-se a 28 de Junho. Desde esse dia, o gov. no interino, constituído na Cachoeira, começou a organizar os corpos de voluntários que, com os reforços de Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Rio de Janeiro, formaram o exercito libertador. No meado de Julho de 1822, o tenente-coronel de milicias Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque (depois visconde de Pirajá) começou o bloqueio terrestre da capital, dirigindo as forças brasileiras sitiantes até 29 de Outubro. Dessa data até 27, foram elas comandadas pelo barão de Belém. No dia 27 de Outubro o general Pedro Labatut, chegado do Rio de Janeiro, assumiu o comando do exercito e conservou-se nele até 21 de Maio de 1823, dia em que foi deposto por uma sedição militar promovida pelo coronel Gomes Caldeira, vítima, um ano depois, dos exemplos de indisciplina que dera aos seus comandados. Foi durante o comando de Labatut que os Brasileiros alcançaram as duas principais vitórias dessa guerra, em Pirajá (8 de Novembro de 1822) e Maripica (7 de Janeiro de 1823). O coronel José Joaquim de Lima e Silva (depois general e visconde de Magé) sucedeu a

Labatut por nomeação do governo provisório da Cachoeira, quando, pela impossibilidade do abastecimento de viveres, a posição do general português já se havia tornado insustentavel em cidade tão populosa, situada havia quasi um ano pelo Exército Brasileiro bloqueada desde principios de Maio de 1823 pela esquadra do comandante lord Cockrane. Durante alguns dias, e sobretudo a 1.º de Julho, embarcaram os residentes portugueses e as famílias que preferiram regressar para a Europa, e as 4 horas da madrugada de 2 de Julho, ao sinal de um tiro de peça disparado do forte de Santo Alberto, partiram de diferentes pontos da cidade as lanças e escaleres, que a um tempo conduziram, na maior ordem, para bordo dos navios, previamente designados, os corpos do exercito de Portugal, em numero de 6.000 homens. Os milicianos, que formavam um total de 4.000 homens, foram licenciados, ficando apenas alguns em armas, para policiarem a cidade. As 11 horas da manhã, fez-se de vela a frota que conduzia essas tropas e alguns milhares de imigrantes portugueses.

A 1 hora da tarde o Exercito Brasileiro fez a sua entrada na capital, tendo sido precedido por dois corpos de exploradores. Lord Cockrane cruzava fora da barra com a nau "Pedro I" (comandante Crosbie) e a corveta "Maria da Glória" (comandante Beaufort). A essas navios reuniram-se, no dia 3, as fragatas "Niterói" (comandante Taylor) e "Carolina", depois "Paraguassu" (comandante Thompson), e o brigue "Bahia" (comandante Barthelemy Hayden). Foram esses navios os que perseguiram alguns dias a frota dos nossos então adversarios. A "Niterói" seguiu até a foz do Tejo, deante da qual cruzou algum tempo, encetando a sua viagem de regresso a 12 de Setembro.

O povo da Bahia festeja ainda hoje, todos os anos, o dia 2 de Julho, comemorando com o mesmo entusiasmo patriótico dos primeiros tempos a recuperação da sua capital e o termo glorioso da guerra da Independência do Recôncavo.

BARÃO DO RIO BRANCO

